

Serviço do Natal – Festa de Natal de 2009 – INK

Todos tendem a concordar que, das diversas épocas e comemorações que ocorrem ao longo do ano legal, o Natal parece ser aquela que mais toca as pessoas nos seus aspectos mais pessoais e íntimos.

É o momento em que paramos para pensar um pouco sobre o ano que está para se encerrar, contemplarmos o que está para se iniciar e, na chegada dos festejos natalinos, tendemos a nos afastar um pouco de todo aquele redemoinho de atividades, planejamentos, ações, trabalhos e responsabilidades outras que desempenhamos ao longo do ano e nos voltamos para algo mais íntimo e pessoal. É como se déssemos uma pausa para um trabalho externo que se volta para as necessidades e exigências do mundo exterior e, pelo menos por alguns dias, damos prioridade a algo diferente, algo que surge mais do nosso mundo interno, que nos toca o coração e emoções, e nos faz buscar um pouco de beleza, harmonia, repouso talvez, uma sensação de paz e felicidade que havíamos nos esquecido de experimentar ao longo deste ano tão turbulento e agitado.

O Natal nos obriga a olhar para o outro, para aqueles que nos cercam e desperta dentro de cada um o desejo de proximidade, de festividade, de renovação.

Uma renovação do nosso espírito, das nossas vidas e das nossas relações com os outros e com a própria vida.

É nessa época que os seres humanos buscam as raízes daquilo que representa a sua própria humanidade, no ato de olhar para o próximo, no ato de comprar presentes, preparar a Ceia de Natal, no fazer a árvore de natal e embelezar um pouco a sua vida, a sua casa e, talvez, até mesmo a sua cidade.

Tudo fica diferente, as decisões contemplam agora o Natal que se aproxima, todos os afazeres que mudam a rotina e os objetivos que nos nortearam ao longo do ano. Agora um novo modo de viver, um espírito natalino, podemos dizer, impera por alguns poucos dias e nos faz experimentar a nós mesmos e os demais de uma outra forma, mais próxima, mais íntima, mais compreensiva, mais amorosa, talvez.

É através do Natal que podemos ainda experimentar e confirmar que um novo modo de ver e viver está à nossa disposição. Que a realidade que nos cerca ainda pode ser modificada para algo melhor e maior, dotada de um novo significado e conduzindo a novos comportamentos.

O Natal nos mostra que podemos mudar o modo de ser e de nos relacionarmos com os outros. O Natal nos mostra a humanidade dos nossos gestos, pensamentos, atos e disposições. Ele mostra que podemos mudar para melhor.

Este é o Serviço do Natal: ele nos reconduz para a mesma constatação que se renova a cada ano, a de que existe dentro de cada ser humano a possibilidade de viver algo novo e melhor, que existe uma dimensão do nosso ser que almeja a união, a paz, alegria e contentamento.

Que a busca da felicidade ainda vale a pena ser perseguida.

Entretanto, crescem as críticas de que o Natal esta se descaracterizando e se transformando em (mais) uma festa dedicada ao consumo e a alguma forma de comemoração social.

Que este espírito natalino está se transformando em mais uma comemoração dos valores do egocentrismo e da vaidade, e deixando de lado aqueles que validam a busca humana pela felicidade.

Talvez o sintoma mais evidente de tal processo esteja no gradual alijamento da presença de Jesus dentro do ambiente do Natal.

Aquele cujo nascimento comemoramos nesta época do ano simplesmente é cada vez mais deixado de lado, passando a ser um mero acessório de um presépio que é montado, quando muito, como acessório de uma árvore de natal e que acaba sendo literalmente afogado debaixo de uma massa de pacotes de presentes que não foram a ele direcionados, o aniversariante, mas sim para todos aqueles que deveriam estar comemorando o seu nascimento: estranha festa, onde o aniversariante é esquecido e aqueles que vêm para a sua festa, esperam receber regalias...

Esta é a natureza perversa e fútil da personalidade humana, egocentrada e impermeável a qualquer forma de estímulo que a faça questionar os seus valores.

No entanto o Natal continua a exercer os seus efeitos mágicos: o tempo, o lugar e as pessoas mudam sutilmente, existe 'algo' no ar que nos faz sentir um pouco melhores, talvez um pouco mais compreensivos, mais abertos à existência do outro, olhamos para ele não apenas como um acessório ou ferramenta das nossas atividades corriqueiras, mas algo que talvez até mereça um cartão, um mimo, um presente.

Um agradecimento, um ritual que se deve cumprir a cada ano, uma festa de amigo secreto, um presente para os filhos pequenos ou para o avô que está adoentado, uma festa onde se torna permitido quebrar a dieta, comer e beber aquilo que é proibido no resto do ano, reuniões familiares que não contemplam casamentos, batismos ou enterros, festas de escritório, vitrinas de shopping centers ricamente decoradas nos seus apelos consumistas, casas carregadas de adornos e luzinhas, mostrando Papais-Noéis, trenós e renas andando num país que não conhece neve, pacotes de presentes ricamente embalados, comida e mais comida, panettones, chocotones, perus e champagnes, tudo isso conhecemos e antecipamos, tudo isso consumimos e com isso, mais um Natal se foi.

Mas havia algo que existia nos dias antes do Natal e que permanece depois deste: a esperança de algo melhor para as nossas vidas.

É quando contemplamos o significado e o papel de Jesus Cristo seja nos aspectos do Natal, que comemora a sua chegada, agora tão descaracterizada como qualquer outra que conhecemos, mas também na reflexão que a sua vinda nos obriga a fazer no seio das nossas vidas e busca pela felicidade.

Todos os seres humanos estão em busca da razão da sua existência, do motivo de terem sido criados e colocados nessa realidade. Muitos confundem os comportamentos e atos que temos de realizar para continuarmos a nossa trajetória nessa vida, o trabalho, o cuidar daqueles que são nossos parentes e dependentes, as responsabilidades sociais e políticas como se estes elementos que fazem parte da equação humana sejam justamente as causas do seu existir.

É como se os números ou elementos de uma equação matemática se assumissem como o seu resultado final.

É devido a este processo que a figura de Jesus nos incomoda, principalmente na época de Natal: ele deixou tudo de lado, sua vida, amigos, família, profissão, tudo, para poder realizar a sua tarefa, aquilo para o qual estava destinado.

E assim fazendo, ele mudou o destino do mundo.

E também é justamente por causa disso, que a sua figura esta sendo afastada paulatinamente do núcleo do Natal no seu papel de conscientizador e retorno aos reais valores e significados, do seu papel e importância para cada um de nós, aquele chamamento para a descoberta da nossa própria missão e objetivos de existirmos neste lugar e momento, e foi conduzido para um papel e lugar periféricos, onde ele pode seguramente ser transformado em mais uma figura de consumo, ao lado de renas e papais noéis.

Mas, finalmente, para o quê ele nos convoca?

Uma das respostas seria: para realizarmos o nosso Serviço. Para o papel que cada um de nós tem de desempenhar dentro da Criação.

Dentro do conceito de Raio da Criação, o Trabalho nos diz que cada coisa, não importa o grau de magnitude da sua expressão física como elemento criado, tem um papel e localização e missão que lhe é específico dentro das diferentes categorias do Raio da Criação.

Algumas coisas irão desempenhar o papel de apoio, irão funcionar como fatores que permitem com que certos fenômenos e acontecimentos possam acontecer, eles entram na categoria de elementos de apoio ou sustentação. A terra, servindo de base para as raízes, aos prédios, rios e lagos atua nesta categoria. A própria matéria aqui, atua como elemento de sustentação para que a vida e outros processos possam acontecer.

O ser humano, enquanto ser social, permite com que o constructo social possa existir, como consumidor, atua como elemento de sustentação para um sistema produtivo e econômico, como tribo ou nação, atua como elementos de sustentação para um sistema político, e assim por diante.

Outros fenômenos poderão ainda funcionar como elementos de transição ou transformação, como alimentos para que uma categoria superior possa alcançar os seus meios e objetivos finais. Os minerais, a água e CO₂ podem ser incorporados por plantas, juntamente com a luz solar, para produzir novas plantas. Essas, por sua vez, podem ser incorporadas pelos animais herbívoros ou então simplesmente morrerem ao final do seu ciclo e retornarem os elementos primários ao meio ambiente.

Para aquelas plantas que foram incorporadas pelos animais herbívoros, alguns poderão servir de alimentos para os animais carnívoros ou senão, ao final do seu ciclo ou por acidentes, devolverem os elementos para o meio ambiente, à semelhança das plantas.

O ser humano pode se alimentar tanto de minerais, vegetais e animais e, da mesma maneira, poderá dar seguimento a essa cadeia alimentar, embora nem sempre seus aspectos sejam puramente digestivos: o trabalho de um homem empregado numa indústria qualquer será composto de tempo, energia e conhecimento, que poderão ser apropriados pela indústria para a produção daquilo que lhe é específico, para os seus projetos de desenvolvimento, lucro e crescimento. De certo modo partes dele servem de alimento para essa empresa.

O mesmo acontece com os sistemas políticos e econômicos, que consomem o trabalho deste ser humano seja diretamente ou indiretamente através do dinheiro ou valores que ele dispõe para o seu uso particular.

Na maioria dos casos, quando ele deixa de ser útil, é descartado e acaba por devolver os elementos que o constituem ao meio ambiente, ou transfere a sua história para os seus descendentes no seu devido tempo.

Existe ainda uma outra categoria, superior, de existência, que envolve um processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento que necessariamente exige um grau de sensibilidade e capacidade de atuação que somente pode ser realizado por indivíduos que apresentam uma dimensão de ser muito superior àquela que pode ser encontrada ordinariamente no mundo.

Estes indivíduos devem ser escolhidos e treinados na direção de virem a ser capazes de funcionarem como elementos que permitam com que o Raio da Criação possa ser servido em termos das suas necessidades cósmicas, seja pela transformação de energias, pela renovação delas ou para serem reconduzidas para a sua natureza original.

Tais indivíduos pertencem à categoria dos elementos ou seres que se devotam aos processos evolutivos, não importando o nível em que eles devam acontecer.

É dentro dessa última categoria que o Trabalho situa Jesus.

Ele faz parte de um grupo de indivíduos que surgiram ao longo da história da humanidade no sentido de corrigir, oferecer novas oportunidades e mostrar o possível desenvolvimento de todos os seres humanos.

Na figura de Moisés e Zoroastro, temos a dimensão da modificação física, sair de um lugar e ir para outro, com Zoroastro, também a busca de uma transformação e purificação da dimensão total do ser humano, com Buda, a dimensão intelectual deverá ser transformada, no sentido de superação do sofrimento e com Jesus, a dimensão emocional, amorosa, que se volta para o próximo como um veículo para a superação do egocentrismo, mesmo que pela realização de grandes sacrifício e indicando com isso a direção da morada do Pai.

São Francisco de Assis nos coloca a necessidade da humildade e simplicidade, enquanto que Maomé nos recorda do princípio da obediência e da confiança.

Todos demonstraram o elemento fé de maneira intensa e, de certo modo, acabaram se incompatibilizando com os usos e costumes da sua época, mostrando a necessidade de transformação.

Todos eles são representantes da busca pela perfeição e isso o demonstraram de forma evidente e cabal.

Se formos considerar as figuras acima, e existem muitas outras que também poderiam ser citadas aqui, podemos afirmar que elas representam uma espécie de compêndio das qualidades que se espera que um ser humano, na real acepção da palavra, tem de possuir e dispor.

Esses elementos existem essencialmente no ser humano e devem ser impostos como forma de conduta e comportamento preponderante frente ao nosso ego selvagem e indisciplinado.

Eles surgem como apelos ou necessidades essenciais, mas devem ser expressos e impostos sobre um ser humano adormecido, no sentido de despertá-lo para a sua real natureza e missão: a de atuar como intermediário, ou seja, como representante da vontade divina, nas dimensões que se situam abaixo dele.

Nessa situação o ser humano atua como agente de redenção de tudo aquilo que existe ao seu redor e, ao mesmo tempo, submeter-se à vontade do Absoluto, para realizar as tarefas que lhe são possíveis de ser realizadas de acordo com o seu estágio de desenvolvimento do seu ser.

As qualidades ou apelos essenciais que devem ser cultivados e praticados por cada ser humano em busca da sua real dimensão de ser são exatamente aquelas que os

grandes homens da história demonstraram possuir: obediência, humildade e sacrifício. Estas são as chaves do serviço.

Um homem ordinário poderá imaginar que as suas atividades no mundo ordinário podem representar alguma forma de serviço; outro, por sua vez, poderá acreditar que se ele se devotar ao trabalho para com os demais, buscando ajudá-los, curá-los, catequizá-los, ou mesmo, ajudá-los em termos de religiões e cultos, isso poderá representar algum tipo de serviço; outro mais, ao estudar e criar modelos matemáticos, filosóficos, etc., que possam ampliar a compreensão de alguns aspectos da nossa realidade cotidiana poderá se convencer igualmente que isso pode representar algum tipo de serviço.

Outros, que buscam o esoterismo, o ocultismo e até mesmo os conceitos do Trabalho, acreditam que apenas por isso, já estão realizando alguma forma de serviço.

De forma mais ou menos ampla, tais elementos meramente indicam as ações de uma personalidade egocentrada, uma busca de algum tipo de satisfação ou desejo da personalidade, por atenção, fama, dinheiro, etc.

Uma pessoa poderá, sim, realizar um trabalho correto e concreto de desenvolvimento do seu ser, ao assumir uma forma muito especial de atitude frente àquilo que ela realiza no mundo ordinário, uma forma especial de perspectiva que, pelo menos de início, poderá ajudá-la no desenvolvimento do seu ser, embora posteriormente, outras propostas deverão ser consideradas.

Mantendo sempre na perspectiva correta o trinômio: obediência, humildade e sacrifício, podemos realizar grandes coisas no mundo ordinário e que definem as atividades de um ser humano que está em busca da sua perfeição e da evolução possível do seu ser.

Essa perspectiva pode ser resumida na seguinte frase:

‘Um homem ordinário realiza as suas tarefas de forma ordinária, um homem do trabalho exagera na busca da perfeição em realizá-las’.

Notemos aqui que a ênfase não é colocada na perfeição com que fazemos as coisas, mas sim no excesso de cuidados para que a tarefa realizada seja sempre a mais perfeita possível, sem quaisquer dúvidas a ela associadas. Estes cuidados, logicamente situam-se tanto na esfera mecânica em que tais tarefas serão realizadas, o que permite com que tenhamos um ganho de eficiente e de tempo, no mínimo, e ao mesmo tempo, a realizar tais tarefas levando em consideração os fatores de atenção, consciência, recordação de si, auto-observação, etc, de forma intensa e exagerada, iremos obter os frutos que se esperam de um Trabalho sobre si.

Essa atitude de exagero, evidentemente, está em conexão com os atos que são úteis para o desenvolvimento da nossa dimensão de ser e não são apenas uma forma de comportamento compulsivo ou maníaco que podemos observar nos indivíduos viciados no trabalho, no seu ego e na sua vaidade, para a sua família, seu automóvel, cães ou gatos, coleções de inutilidades, que envolvem sempre comportamentos exagerados e na maioria das vezes, ridículos, senão patéticos.

O exagero aqui reside no fato de que o indivíduo esta realizando esforços contínuos para sair fora do marasmo e mesmice do ambiente que o cerca, em busca de uma excelência que somente se justifica dentro do panorama das suas propostas de desenvolvimento e crescimento, e nunca voltadas para algum tipo de gratificação externa, que, se existir, não é o fator mais importante de todos os demais.

O fato de que um homem pode realizar um trabalho de autodesenvolvimento mesmo quando está totalmente mergulhado na vida mecânica ordinária, nos mostra que é necessário definir uma direção, o do aperfeiçoamento do seu ser, e estabelecer uma relação de obediência a determinados ditames que o ajudam nessa direção, associados a uma postura de humildade e capacidade de estabelecer sacrifícios para chegar ao seu destino.

Não é possível acender uma vela tanto para Deus quanto para o Diabo. O problema é que a nossa personalidade e ego acreditam que conseguem ser mais espertos que ambos e burlar tanto a Deus quanto ao Diabo. Terminamos presos no Inferno do nosso ego e das nossas altas opiniões sobre nossas capacidades, direitos e conhecimentos. Cristalizados num templo de auto-adoração e auto-engano contínuos.

Obediência:

Jesus confirma isso, na dimensão do seu ser exaltado, no episódio dos Evangelhos que falam da agonia que ele sofreu no Monte das Oliveiras, quando ele coloca frente ao seu ego e personalidade o desejo do Pai.

Humildade:

Embora pudesse entrar em contato com as autoridades e poderosos do seu tempo e convencê-los daquilo que ele veio realizar, ele sempre optou pela companhia dos pobres e miseráveis, buscando ajudá-los seja com palavras, gestos, milagres mas, principalmente, com o seu exemplo.

Sacrifício:

Ele oferece a sua própria vida, mesmo quando surgem oportunidades para escapar do seu suplício. Com isso ele se justifica e assume o papel de Redentor. Fica a pergunta para cada um de nós: 'se eu desejo ser o redentor do meu ser, que tipo de sacrifícios eu estou disposto a realizar?'

O exagero em Jesus está evidente em qualquer relato dos evangelhos: ele não busca nada mais do que a realização da sua missão, aqui os fatos ordinários, cotidianos, mecânicos não são mencionados nem valorizados, talvez uma ligeira referência para com as responsabilidades assumidas no mundo comum: 'Dai a César...', mas ainda referindo de volta; 'Mas dai a Deus o que é de Deus'.

Assim, um homem que estaria destinado a ser meramente um sustentáculo de um processo mecânico, simples 'comida da Lua', pode realizar um trabalho inicial de liberação.

Um homem na situação de manutenção ou de alimentação poderá optar em servir de alimento para alguma dimensão mais nobre e que ofereça maiores oportunidades de desenvolvimento do ser: o seu ego ou o bem maior do outro ou do contexto social, quando ele define estratégias e propostas que poderiam muito bem ser negligenciadas ou apócrifas pelos valores egocêntricos e individualistas.

Obras de benemerência, de ajuda para o desenvolvimento dos menos afortunados, modos de lidar com negócios e competidores, a diminuição da agressividade e a busca de uma forma mais humana de ganhar a vida podem ser alguns exemplos disso.

Um homem que esteja diretamente vinculado ao Trabalho, não pode deixar de se furtrar ao que foi dito acima sob pena de realizar um verdadeiro pecado.

Um pecado verdadeiro é aquele que é realizado contra as injunções ou apelos da sua essência. Nada mais pode ser considerado como pecaminoso, pois é fruto de uma moral e julgamentos impostos sobre uma massa de seres adormecidos.

Eles não podem fazer nada conscientemente, apenas reagir e serem julgados por valores morais, religiosos ou sociais que são igualmente mecânicos e adormecidos. Daí nada de útil poderá resultar, senão acomodação e manipulação.

O pecado real surge quando o indivíduo reconhece a sua essência e os seus valores e deliberadamente os mata ou sufoca, colocando tudo aquilo que ele aprendeu e desenvolveu a serviço da sua personalidade, não importando a justificativa que for.

Ele está violentando a si mesmo e o seu aspecto divino: esse é o único pecado que um ser humano pode realizar e que irá afetar toda a Criação. Isso acontece o tempo todo ao nosso redor: naqueles indivíduos que não conseguem sequer reconhecer os seus aspectos essenciais: isso representa um tipo de sofrimento da essência que se reflete no Criador, também ocorre naqueles indivíduos que buscam algo e ficam preso nos estágios intermediários, fascinados com o seu conhecimento, poder ou pelos elogios daqueles que o rodeiam, aqui temos o pecado do orgulho e arrogância, e, finalmente, o pecado daqueles que mataram os valores das suas essências e que genuinamente se colocaram contra todo o processo de desenvolvimento do ser, aqueles que foram possuídos pelo mal que surge do ego e da possessão pela sombra.

Não há esperança para todos estes?

Sim, uma retomada honesta, intensa, sincera e exagerada dos valores essenciais citados acima pode fazer com que o pecado contra a essência seja superado e novas dimensões possam ser oferecidas, entretanto, o risco permanece, e deve ser igualmente combatido quando, porventura, viermos a reincidir.

A ressurreição de Jesus, todos os relatos de suas aparições aos seus apóstolos depois desta nos mostram que etapas de desenvolvimento do ser podemos considerar como válidas e passíveis de ser adquiridas por cada um de nós.

Quando discutimos o papel histórico-religioso de Jesus, costumamos nos esquecer que isto é apenas um dos aspectos que foram valorizados ao longo do tempo, mais como um fator de controle social do que como elemento de real libertação do ego e dos valores do mundo.

Assim, o serviço que Jesus veio realizar pode ser considerado dentro de duas perspectivas: o papel de resgate da relação entre o Homem e a Divindade, justamente pelo fato de que antes dele as possibilidades de um real crescimento e desenvolvimento do ser estavam totalmente bloqueadas pela falta de um conhecimento prático e adaptado às realidades do momento, preso e amordaçado em rituais, leis e elementos que impediam com que o homem pudesse perceber a presença do Sagrado dentro dele mesmo e ao seu redor.

Aqui o serviço de Jesus tem um caráter de imolação, o ser humano que se oferece para que os outros seres reconheçam a modernidade da presença do sagrado em termos da experiência humana e não aquela que a retraduz em textos sagrados, rituais, mitologias, atos compensatórios, num mercantilismo que encontra uma resposta na ação de Jesus contra os mercadores no Templo.

Com o seu sacrifício, ele reconduz o ser humano para o lugar que foi usurpado pelos estereótipos mecânicos e antiquados.

O outro serviço que Jesus nos oferece, é o Natal, quando ele nos obriga a encarar a nossa realidade atual em termos daquilo que buscamos como realização essencial e como iremos lidar com os inúmeros pecados e transgressões que realizamos contra os apelos da nossa essência, como é que bloqueamos tais apelos no outro, através da nossa

insensibilidade, orgulho e vaidade, e como poderemos retomar esse processo em busca dessa perfeição que é nossa herança e destino dentro de toda a Criação.

Esperamos que nesta comemoração do Natal de 2009 pelos participantes do Instituto NoKhooja, que ela seja uma real oportunidade para que possamos avaliar tudo aquilo que fizemos no sentido do crescimento e desenvolvimento do nosso ser e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para retomarmos o nosso compromisso da busca pela perfeição.

Como diz Rumi:

´A nossa caravana não é a do desespero,

´Vem, mais uma vez vem´.

CG/cg

Dezembro de 2009